

Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada

Vítor Sérgio Ferreira**

O corpo tornou-se hoje numa propriedade de primeira ordem, objecto de cuidadas atenções e investimentos quotidianos, sob a forma de saúde, beleza, sedução, força, poder, contestação, etc. A saliência social que vem adquirindo valeu-lhe o despertar inaugural do interesse sociológico, traduzido, nomeadamente, em qualificativos como *corporeista* (Maisonneuve, 1976) ou *somática* (Turner, 1996 [1984]) para designar a sociedade contemporânea ocidental. São designações que convocam a actual centralidade do corpo na vida social quer enquanto campo destacado de actividade política e cultural,¹ quer enquanto matéria reificadora de um conjunto de valores expressivos em ascendência -- como sejam, por exemplo, o primado do individualismo e da diferença, do hedonismo e da ludicidade, da estetização da experiência quotidiana e da ética da experimentação.

São designações que, no fundo, salientam a maior reflexividade individual e colectiva quer sobre a acção corporal, quer sobre a acção sobre o corpo, o qual, até há relativamente pouco tempo, era uma espécie de *presença ausente* no quotidiano do indivíduo (Le Breton, 2000 [1990]) permanecendo como que num estado de infra-consciência (Leder, 1990). Quer isto dizer que, apesar de infinitamente presente enquanto suporte material de toda e qualquer acção humana, o corpo era também infinitamente ausente na consciência de quem o habitava: via-se abandonado na ritualidade repetitiva dos seus gestos e cuidados que sobre si recaíam; via-se esquecido na espontaneidade das percepções sensoriais que proporciona; via-se transparente na familiaridade estabelecida com o sujeito que o incorpora e respectiva rede de relações. Via-se invisível, portanto. Uma presença constante e inevitável na vida quotidiana, mas que se esvanecia na “naturalidade” dos seus gestos, sensações e imagens, revelando-se apenas em situações limite, como, por exemplo, perante a privação de movimentos, a experiência intensa de dor ou de prazer, ou a visibilidade da monstruosidade.

Hoje, a consciência do sujeito relativamente ao valor social do seu próprio corpo e do corpo dos que o rodeiam denota-se profundamente alterada, dinâmica de sobre-consciencialização física essa que Giddens designou de *reflexividade corporal* (Giddens, 1997 [1991]). Não se trata aqui de uma noção de reflexividade ubíqua, inevitável e desinteressada, tal como é entendida e tratada por Garfinkel (1967), presente e naturalizada em qualquer acção social.

Pelo contrário, a noção de reflexividade operacionalizada por Giddens revela por parte do sujeito da acção uma percepção distanciada e consciente do corpo enquanto *alter-ego* e *acessório* relevante no seu projecto de identidade (pessoal e social) e de estilo de vida (Le

** Doutorando ISCTE, Bolseiro FCT, Investigador Associado Júnior ICS/UL.

¹ Basta pensar em movimentos artísticos como a *performance* ou a *bodyart*, bem como em movimentos sociais que se formaram a partir de problemas radicados no corpo, incluídos no que Foucault designa de *bio-política* (1979), ou seja, a dinâmica de movimentos sociais e identitários que se formou a partir de populações sobre-definidas por lógicas de corporalidade, na tentativa não só de promover e celebrar o auto-controlo sobre o próprio corpo, como de lutar contra as desigualdades sociais decorrentes das interpretações e classificações culturais que dominam sobre determinados traços fenotípicos, bem como contra as respectivas autoridades responsáveis pela sua produção, reprodução e reforço: o movimento feminista e as desigualdades de género que são socialmente construídas a partir de diferenças biológicas; os movimentos *GLBT* e a autoridade judaico-cristã sobre o controlo das sexualidades; os movimentos anti-racistas e o poder social do preconceito racial fundado sob características de pigmentação epidérmica; ou ainda os movimentos de cidadãos constituídos em torno de problemas éticos levantados pelos impactes do avanço das tecnologias médicas e das manipulações biogenética, entre outros exemplos.

Breton, 1999)², corpo esse que é individualmente mobilizado e apropriado enquanto realidade contingente e volátil, *destirrente* (Babo, 2000:337), sujeita a opções e escolhas, passível de ser modificada e construída através dos diversos meios técnicos que a ciência actualmente oferece e os *media* divulgam, e que instituem uma cada vez mais vasta e poderosa indústria de *design* corporal. Por outro lado, trata-se também de uma concepção de reflexividade que implica por parte do sujeito intencionalidade na acção (do corpo ou sobre o corpo), no sentido em que envolve a capacidade de produzir discursivamente os seus sentidos, de elucidar sobre as suas justificações, de analisar os riscos (físicos e sociais) que envolve, de prever os efeitos que decorre da acção do ou sobre o corpo.³ A noção de *reflexividade corporal* evidencia, em suma, um estado cognitivo de elevada auto-consciencialização da condição existencial e valor social do corpo (Lynch, 2000:42).

Tal dinâmica reflexiva apresenta-se, contudo, socialmente segmentada, tendo emergido, sobretudo, entre as mais jovens gerações. Como já havíamos tido a oportunidade de constatar aquando de um inquérito por questionário realizado a uma amostra representativa da população portuguesa sobre gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea, a maior valorização do corpo e das actividades físicas é um dos atributos mais assinalados e consensuais na distinção dos jovens de hoje relativamente às pessoas das gerações mais velhas (Ferreira, 1998:170-171).

Este fenómeno deve-se, em boa medida, à ampla visibilidade e reconhecimento social que o “corpo jovem” tem vindo a obter enquanto corpo de referência e de reverência dominante, enquanto corpo com valor social sem par nas sociedades ocidentais contemporâneas. O “corpo jovem”, paradigma glorificado de beleza, saúde e vitalidade, assoma hoje em dia como realidade idealizada) condicionada (condenada?) a alimentar expectativas ilusórias sobre a própria realidade corporal que muitos desejam para si próprios e esperam dos outros, assumindo o estatuto de *corporeidade modal*, ou seja, de possibilidade corporal onde se conjuga um determinado conjunto de traços fenotípicos e técnicas corporais com valor e legitimidade social superior relativamente a outros possíveis corpóreos socialmente disponíveis.⁴ O corpo dos jovens passa, assim, a ser alvo de observação e contemplação, objecto de escrutínio e avaliação permanente, quer por parte do seu portador, quer dos que com ele se cruzam quotidianamente, processo esse onde se recorrer a determinadas formas modais de corporeidade enquanto *modelos de referência* legítimos e instituídos.

Dados mais recentes decorrentes de um inquérito nacional realizado no ano 2000 a uma amostra representativa da população jovem residente em Portugal com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, permitiram aprofundar as estruturas simbólicas e sociais envolvidas na

² O que, no dizer de Maria Augusta Babo, implica o «paradoxo máximo da auto-reflexividade: a exterioridade do sujeito face à imagem; ou, dito de outro modo, a exterioridade máxima da imagem face ao sujeito. “Ver-me de fora”, como muito lucidamente afirma Pessoa. (...) [A reflexividade] exige pois um dispositivo opaco que lhe devolva a imagem como se o próprio olhar, autonomizando-se e saindo para fora do corpo, se pudesse, só então, apropriar dele. A auto-reflexividade, experiência aparentemente mais autêntica da representação, exige pois o recurso a um dispositivo outro de mediação [como o espelho ou a fotografia, por exemplo], além de, da parte do próprio, um movimento de descentramento, de exterioridade, que subverte, no próprio acto em que se produz, a identidade pura.» (Babo, 2000:336)

³ Daí muita da actual sociologia do corpo ter subjacente uma noção de indivíduo enquanto agente de acção, passível de actos de vontade para além das estruturas incorporadas. Muita desta sociologia faz-se em contraposição às teorias mais estruturalistas do *corpo dócil*, de matriz foucaultiana, que tendiam a ignorar analiticamente o papel activo do sujeito na escolha e delimitação de projectos corporais.

⁴ A *corporeidade*, como já apresentámos atrás, corresponde ao conjunto de traços que dá conta do corpo como construção e realidade vivida socialmente. Cada sociedade tem instituído um determinado *espaço de corporeidade* (ou seja, uma variedade de possibilidades de intervenção, investimento e exploração do corpo), assim como uma certa *corporeidade modal* (ou seja, um conjunto determinado de traços e usos corporais socialmente mais valorizados e legitimados que outros). Nas palavras de Michel Certeau «cada sociedade tem o “seu corpo”, tal como tem a sua língua. (...) Tal como uma língua, este corpo é submetido a uma gestão social. Ele obedece a regras, a rituais de interacção, a teatralizações quotidianas. Tem igualmente os seus excessos, relativos a essas regras.» (Certeau, 1982: 180)

relação dos jovens portugueses com o corpo, através da aplicação de um módulo específico sobre este tema (Ferreira, 2003).

Os resultados desse módulo começaram por demonstrar uma acentuada disponibilidade dos jovens portugueses ao tratamento mediático de temas relacionados com o corpo, como o desporto, a alimentação e saúde, ou a moda, imagem e cuidados com o corpo. Esta disponibilidade subjectiva, a par do elevado grau de exposição dos jovens portugueses aos *media*, permite reflectir sobre o *poder simbólico* destes na produção, circulação e promoção dos imaginários, cânones, opções e recursos de corporalidade que servem de referência juvenil. Convida também a ponderar os respectivos efeitos perversos, na medida em que, ao estabelecer elevados padrões de atractividade e desempenho corporal, a acção dos *media* poderá potenciar sentimentos de insatisfação e incompetência física na auto-imagem corporal dos jovens.

Com efeito, apesar de a população jovem portuguesa se mostrar relativamente satisfeita com a sua *forma* e *aspecto* físico, mais de 1/3 manifesta o seu desejo em melhorar estas dimensões da sua corporeidade, sentimento que se acentua entre os adolescentes que permanecem na escola. Por outro lado, destaque-se os 19% de jovens portugueses que afirmam sentir com regularidade (*muitas* ou *algumas* vezes) *não gostar do seu corpo tal como é*, revelando uma baixa *auto-estima corporal*. Saliente-se ainda os 10% de jovens que, a este sentimento de insatisfação corporal, acumulam um sentimento de insatisfação pessoal, confessando sentir frequentemente que *gostariam de ser uma pessoa diferente da que são*. Ao manifestarem simultaneamente a sua insatisfação enquanto corpo e pessoa, revelam, assim, um forte sentimento de baixa auto-estima identitária.

Enquanto expressão de uma *desidentificação* entre pessoa e corpo, os sentimentos subjectivos de baixa auto-estima identitária ou exclusivamente corporal vieram a produzir efeitos significativos nas atitudes dos jovens que desses sentimentos partilham perante o corpo, no sentido da intensificação de estratégias de vigilância, controlo, modificação e estilização corporal. Por outro lado, esses indicadores manifestam ainda um elevado grau de reflexividade corporal entre alguns dos segmentos mais jovens da sociedade portuguesa, no sentido de uma ampla consciência do valor expressivo da realidade corporal, bem como de uma acentuada valorização do bem-estar e bem-parecer dessa dimensão identitária.

Essa *dinâmica reflexiva* que, individual e socialmente, se gerou em torno do corpo evidenciou-se, contudo, desigualmente distribuída no espaço social juvenil. Existem, de facto, contextos juvenis tendencialmente mais *somatizados*, ou seja, dotados de condições objectivas mais favoráveis à emergência, propagação, desdobramento e empenhamento subjectivo numa lógica de promoção corporal. A concretização empírica dessa lógica manifesta-se numa atitude genérica de valorização e auto-responsabilização pelo *design* e *performance* do corpo, atitude que se observou tanto mais partilhada quanto mais *pós-traditionalistas* se desenharam os contextos sociais onde os jovens se movem.

De facto, foi nos segmentos juvenis mais escolarizados e de estatuto social mais elevado, residentes em meio urbano, com particular (mas não exclusiva) incidência no universo feminino, que se encontraram os jovens mais interessados nas tematizações mediáticas do corpo, mais insatisfeitos e exigentes com a sua condição física, mais sensibilizados e conscientes dos riscos implicados em determinadas mobilizações corporais, mais diligentes e aplicados nos cuidados de higiene diária, mais vigilantes e restritivos na alimentação que fazem, mais dedicados a regimes desportivos sob a égide da manutenção ou melhoria da forma e aspecto físicos, mais permissivos na aceitação de determinadas modificações corporais inovadoras ou extravagantes e mais audazes na sua concretização, bem como mais ecléticos e pormenorizados nos recursos convocados na composição dos seus visuais.

Os jovens posicionados na base da hierarquia social, apenas dotados dos recursos escolares elementares, residentes em *habitat* rural, e em situações sociais mais vulneráveis e precárias, como a domesticidade e o desemprego, revelaram um maior alheamento e resignação perante a sua condição corporal, ao registar maiores dificuldades em avaliar o estado actual da sua condição física, e maior indiferença perante a hipótese de melhorar a sua forma e aspecto físico; revelaram ainda um maior despojamento e conservadorismo perante as várias possibilidades de intervenção directa ou indirecta no corpo, investindo substancialmente menos

em estratégias de vigilância, controlo, modificação e estilização corporal. Em suma, entre os jovens com este perfil sociográfico, predominam os que menos reflexivos se mostram relativamente à sua condição corporal, abandonando o corpo à sua condição de *dado natural*.

Nos sociais contextos mais favorecidos, pelo contrário, a realidade corpórea revelou-se não como uma realidade sagrada e intocável ou um destino biológico geneticamente herdado, mas como uma materialidade sujeita a actos de vontade, intencionais, voluntários, planeados, susceptível de integrar um *projecto reflexivo de individualização social*, enquanto território existencial privilegiado para a construção de uma identidade pessoal socialmente distintiva. Não será por acaso que foi nesses mesmos segmentos sociais que a percepção do *visual como forma de exprimir a individualidade*, ainda que dominante, mais se acentuou.

Nesses contextos, muitos jovens encontram no *culto do corpo* um *templo do eu* por excelência,⁵ isto é, um eixo vivencial ímpar na construção de sentido auto-identitário, disponível a ser explorado e investido através de rituais e regimes vários, de pendor mais cinético ou imagético, ao ponto de poder vir a tornar-se eixo orientador ou estruturante de um determinado estilo de vida⁶. Corpo, identidade e estilo de vida articulam-se assim na forma de *projectos reflexivamente organizados*, para utilizar a expressão de Giddens, planeados a partir da pluralidade de possibilidades de usufruto corporal oferecidas pela modernidade tardia, de trama cada vez mais ampla e complexa (1997 [1991]).

Reconhecer o corpo enquanto eixo *estruturante e estruturado* -- para usar uma expressão cara a Bourdieu -- de um *projecto reflexivo* organizado em torno de um estilo de vida, não envolve necessariamente a tradução comportamental numa preocupação e vigilância a tempo inteiro com a aparência, medidas, forma e movimentos do seu corpo.⁷ Implica, no entanto, que os indivíduos sejam conscientes e activos na gestão, manutenção e controlo da sua corporeidade, reconhecendo o seu valor expressivo como suporte auto-identitário.

Nesse trabalho, os indivíduos têm hoje uma plêiade cada vez mais diversificada de escolhas e opções disponíveis em termos de *regimes* a seguir.⁸ Com o desenvolvimento de uma imensa indústria de *design corporal* que compreende esferas tão diversas como a reprodução biológica, a engenharia genética, a cirurgia plástica, a motricidade humana, o nutricionismo, a cosmética, paralelamente à crescente tematização e circulação mediática desses conhecimentos, o corpo torna-se numa realidade passível de *opções* e de *escolhas*. Isto na medida em que tais conhecimentos rapidamente se transformam em hipóteses susceptíveis de ser exploradas num *projecto* de (re) construção identitária, emancipando o corpo relativamente à postura naturalista que o toma como mero *adquirido*, realidade geneticamente herdada, governada por processos biológicos incontornáveis.

Nesta medida, no imaginário corporal contemporâneo, o corpo deixa de ser tomado como um destino herdado ao qual cada um é abandonado, mas um objecto privilegiado de sujeição à vontade individual, um “acessório” (Le Breton, 1999) que cada um constrói segundo o seu desejo e empenho, traduzindo um sentimento de escolha personalizada, de consciência soberana. Um acessório tanto mais importante e com tanto mais valor social quanto, no imaginário social, funciona como espaço de singularização social, de individualização,

⁵ A expressão é de Lipovetsky, 1994: 60.

⁶ Aplica-se aqui o conceito de *estilo de vida* tal como é entendido por Giddens: “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta não só porque essas práticas satisfazem necessidade utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (1997 [1991]: 75). Para o autor, entre as opções que actualmente delineiam um determinado estilo de vida põem-se cada vez mais escolhas em termos de modelos de corporeidade a conseguir, com os respectivos *regimes corporais* a seguir, que desenham um sector do estilo de vida com cada vez mais relevância social e subjectiva.

⁷ Apesar de, potencialmente, tal poder vir a acontecer, se consideramos o exemplo ilustrativo de algumas psicopatologias actualmente em crescimento em contextos juvenis, como a *anorexia* ou a *vigorexia*.

⁸ Giddens entende por *regimes corporais* comportamentos regulares que impliquem o controlo sobre as necessidades orgânicas e os hábitos pessoais de auto-disciplina corporal que, organizados e regulados de acordo com determinadas convenções socio-culturais e estratégias de produção identitária, sejam relevantes para a continuidade ou promoção de traços corporais de ordem cinética ou imagética (1997 [1991]: 58).

demarcando e assinalando socialmente o indivíduo enquanto sujeito uno, enquanto unidade individualizada da percepção idiossincrática do eu – a *pessoa*. Deste modo, actuar com o corpo e sobre o corpo equivale a agir com fins e efeitos identitários, sendo-lhe reconhecido um cada vez mais elevado *valor de troca simbólica* no espaço social (Baudrillard, 1995 [1972]).

O reconhecimento do seu crescente *valor de troca simbólica* no espaço social, faz com que algumas das mais promissoras abordagens sociológicas do corpo o entendam como um *recurso* susceptível de ser *capitalizado*,⁹ não só na sua dimensão física ou material -- como força de trabalho, por exemplo --, mas sobretudo na sua dimensão *expressiva*, com estatuto equivalente ao de *objecto-signo*. Universo de aparências, movimentos e sensações, o corpo contemporâneo é um corpo comunicante, que larga lastros de sentido, signos, onde epiderme ganha uma profundidade simbólica ímpar e as suas potencialidades performativas e sensitivas são susceptíveis de ser experimentadas ao limite.

Já não é simplesmente encarado como um "dado natural", matéria orgânica onde as modificações decorrem no tempo biológico. É uma realidade susceptível de intervenção, de modificação, de intensificação, de experimentação, no fundo, de exploração nas suas dimensões plástica, motora e sensorial. Nesta medida, a sua abordagem sociológica pressupõe a existência de um trabalho de gestão entre a carne que nos é dada – a qual é dotada de um potencial de mudança e exploração que lhe é intrínseca -- e o espaço de possibilidades de intervenção corporal concedido num determinado contexto sócio-histórico, e que é cada vez mais amplo. Esse trabalho, quanto mais consciente e deliberado, maior reflexividade implica por parte de quem o intenta.

Odores que se domesticam diariamente, cabelos que se tingem e esculpem para além do seu aspecto "natural", adiposidades que se eliminam e músculos que se dilatam através de regimes alimentares e desportivos cada vez mais sofisticados, visuais que se estilizam no vestuário, calçado e outros pormenores que o singularizam. São estas as estratégias em que os jovens portugueses mais investem ou admitem vir a investir na gestão da sua corporeidade, consubstanciando o núcleo duro da *ética construtivista* que orienta as suas atitudes perante o corpo. O valor expressivo desses investimentos advém do facto de operarem modificações no sentido da aproximação à configuração de perfectibilidade própria da corporeidade da época contemporânea: um corpo lavado, perfumado, estilizado no vestir e pentear, bem definido na silhueta – no sentido da magreza, no caso feminino, ou da tonificação muscular, no caso masculino.

Daí a aceitação e penetração efectiva que regimes como a dieta e a musculação têm, respectivamente, no universo feminino e masculino. São 13% os jovens portugueses que afirmam já ter feito dieta, sendo 36% os que, nunca tendo experimentado, admitem vir a fazer. No universo feminino, esses valores sobem aos 18% para as que já fizeram e 45% que admitem vir a fazer, recolhendo menor adesão entre os homens (onde decresce, respectivamente, para 7% e 26%). Estes, por sua vez, encontram no desporto, nomeadamente na musculação, o regime mais apropriado à concretização das ambições corporais da masculinidade contemporânea. No geral, 12% da população inquirida afirma já ter praticado musculação, sendo 34% a proporção dos que admitem vir a fazer. Entre o género masculino, são 18% os jovens que já experimentaram este regime desportivo, atingindo 49% os que admitem vir a nele investir, proporções bastante além das atingidas entre o género feminino, onde a prática de musculação encontra apenas 7% de praticantes efectivas e 21% de potenciais.

Os regimes de musculação e dieta constituem actividades que, paradoxalmente, combinam disciplina e ascetismo – pela regularidade, controlo e restrição que implicam – com narcisismo e hedonismo – pelo prazer visual ou sensorial que, individualmente, convocam. Apesar de serem mobilizadas no sentido da conformidade aos modelos corporais de referência e reverência, as práticas de musculação e de restrição alimentar podem, a qualquer momento, ver-se desvirtuadas no seu sentido inicial, quando os projectos corporais que ancoram se "radicalizam" pelo excesso de disciplina na conformidade aos modelos de referência instituídos.

⁹ Shilling (1991, 1993) utiliza a expressão "capital físico" para dar conta de vários aspectos da sua rentabilidade, sob diferentes modalidades, consoante os espaços sociais, os contextos e situações sociais de rentabilização.

A este tipo de comportamentos chamamos de mobilizações corporais *hiper-disciplinadas*, as quais se podem traduzir, por exemplo, em comportamentos compulsivos clinicamente classificados como *dismorfias corporais*, como a anorexia ou a vigorexia (e que, em termos sociológicos, correspondem à radicalização de projectos de corporeidade normativa ou dominante, alicerçados em critérios e referências de género).

Por outro lado, a reduzida expressão e aceitação de intervenções corporais como o *piercing* ou a *tatuagem* no conjunto da população inquirida – nomeadamente quando aplicadas na sua modalidade múltipla –, arremessadas para um universo simbólico conotado com traços de natureza “sub” ou “contra-cultural”, faz delas investimentos à partida socialmente *in-disciplinados*, isto é, que pressupõem modelos de corporeidade percebidos como dissidentes perante os modelos legítimos de referência, mas convergentes entre si em termos das disciplinas e códigos corporais que produzem como *nomos* alternativos.

Hiper ou *in-disciplinadas*, são mobilizações corporais que remetem para uma construção identitária eminentemente *deliberativa*, onde o *self* é reflexivamente construído como um projecto a ser trabalhado, sempre aberto a novas possibilidades e métodos de construção. Ainda que de características individualizantes, não serão, porém, projectos obrigatoriamente virados sobre si próprios. No jogo da aparência e da motricidade, o corpo não só é questionado, desafiado e avaliado quando se observa reflectido no espelho – *intracorporalidade* – como se constrói em constante relação com os outros – *intercorporalidade* – pondo-se à prova através de jogos de comparação, de atracção e de reconhecimento.

Por outro lado, ainda que da ordem do artifício, da *máscara*, os sentidos subjacentes aos diversos investimentos no corpo realizados pelos jovens poderão não estar, inevitavelmente, associados a estratégias de simulação, dissimulação ou falsidade existencial. Pelo contrário, sendo mobilizações experimentadas num momento fundamental do processo de construção auto-identitária, poderão servir, como aponta Giddens, o projecto de auto-realização do indivíduo enquanto pessoa tendo o valor da *autenticidade* como fio-condutor, baseado na crença de que se está a “ser honesto consigo mesmo” (1997 [1991]:73). Como dizia Agrado, a personagem transsexual do filme de Pedro Almodóvar *Tudo sobre a minha mãe* (1999), depois de orçamentar perante uma plateia todas as modificações corporais que havia feito: “nestas coisas não há que ser forretas, porque *somos* tanto mais *autênticas* quanto nos *parecemos* com o que sonhámos.” Ainda que o *ser* que transparece no *parecer* acabe por ser uma condição identitária transitória, como transitório é também o corpo.

Referências Bibliográficas

- BABO, Maria Augusta, «A reflexividade na cultura contemporânea», *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 28, 2000, pp. 335-347.
- BAUDRILLARD, Jean, *Para uma crítica da economia política do signo*, Lisboa, Edições 70, 1995 (1972).
- CERTEAU, Michel, «Histoires du corps», *Esprit*, n.º 62, 1982.
- FERREIRA, Vítor Sérgio, «Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo», in José Machado Pais; Manuel Villaverde Cabral (Coords.), *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 265-366.
- FERREIRA, Vítor Sérgio, «Atitudes perante a sociedade», in José Machado Pais (Coord.), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Secretaria de Estado da Juventude / Instituto de Ciências Sociais, 1998, pp. 149-244.
- FOUCAULT, Michel, *Microfísica del Poder*, Madrid, La Piqueta, 1979 (2ª edição).
- GARFINKEL, Harold, *Studies in Ethnomethodology*, New Jersey, Prentice-Hall Inc, 1967.
- GIDDENS, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 1997 (1991).

- LE BRETON, David, *Anthropologie du corps et modernité*, Paris, Quadrige/Presses Universitaires de France, 2000 (1990).
- LE BRETON, David, *L'adieu au corps*, Paris, Métailié, 1999.
- LEDER, Drew, *The Absent Body*, Chicago, The University of Chicago Press, 1990.
- LIPOVETSKY, Gilles, *O Crepúsculo do Dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa, Edições Dom Quixote, 1994.
- LYNCH, Michael, «Against reflexivity as an academic virtue and source of privileged knowledge», *Theory, Culture & Society*, vol. 17, n.º 3, 2000, pp. 26-54.
- MAISONNEUVE, Jean, «Le corps et le corporéisme aujourd'hui», *Revue Française de Sociologie*, vol. XVII, 1976, pp. 551-571.
- SHILLING, Chris, «Educating the body, physical capital and the production of social inequalities», *Sociology*, vol. 25, n.º 4, 1991, pp. 653-672.
- SHILLING, Chris, *The Body and Social Theory*, Londres, Sage Publications, 1993.
- TURNER, Bryan, *The Body & Society*, Londres, Sage Publications, 1996 (1984).